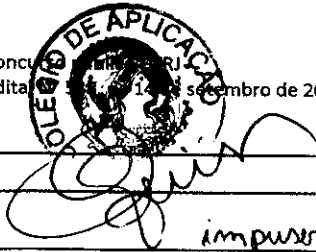


1) A concepção de conhecimento de Berkeley baseia-se em sua doutrina intitulada idealismo empírico, o qual considera a totalidade da realidade (exceto Deus) como ideias que possuem existência somente no sujeito de conhecimento. ~~A totalidade~~ Nós poderíamos pensar, em um primeiro momento, que os objetos possuem uma existência separada dos atos perceptivos através dos quais nós temos contato com eles, mas, segundo Berkeley, essa separação seria pura e simplesmente impossível: nós não possuímos nenhuma representação além dos nossos próprios sentidos. Se a realidade se reduz a um conjunto de representações (ideias) percebidas pelo sujeito, poderíamos então afirmar que a própria existência das coisas consiste no fato de serem percebidas atualmente por um sujeito. Essa concepção de conhecimento é sintetizada na célebre fórmula berkeleyana: "ser é ser percebido". O que Berkeley faz, na verdade, não é negar a existência pura e simples de objetos externos ao sujeito. Isso o conduziria a um ceticismo epistemológico, e é justamente esse caminho que ele pretende evitar. A sua proposta consiste em negar a realidade da matéria, compreendida enquanto substrato completamente independente dos estados perceptivos do sujeito. A afirmação da realidade da matéria, sim, nos levaria ao ceticismo, porquanto pressuporia como substrato de toda a realidade algo ao qual jamais poderíamos ter acesso. Logo, ele procura salvaguardar a possibilidade do conhecimento na medida em que os objetos são somente ideias percebidas pelo nosso espírito. Fora deste, não existe senão Deus, o qual é concebido na teoria berkeleyana como o agente responsável por introduzir e ordenar a totalidade das ideias do mundo em nosso próprio espírito.

As ideias propostas por Quine, por sua vez, podem ser melhor compreendidas a partir do contexto em que seu texto se insere. Em "Dois dogmas do empirismo", Quine apresenta objeções que, de certo modo,

  
impuseram sérias dificuldades à continuidade do "empirismo lógico", o qual, em linhas gerais, negava a possibilidade do conhecimento fundado em noções de caráter metafísico, isto é, de tudo aquilo que não pudesse ser objeto de demonstração empírica. Quine não procede a uma diferenciação de duas classes de objetos. Tanto objetos físicos quanto os metafísicos possuem um papel positivo na nossa concepção de mundo. Trata-se de reconhecer, entretanto, que os primeiros possuem somente uma vantagem no que concerne à explicação racional da realidade, o que não suprime a importância dos últimos.

2) A tese expressa por Popper possui dois aspectos discorssos, um positivo e outro negativo. Vejamos em que consiste cada um deles. No que concerne ao positivo (sua importância), deve-se ressaltar a importância da prática autônoma da ciência, independentemente de valores extra-científicos, os podem dizer respeito, por exemplo, à religião, à moralidade, ou a ~~pa~~ tradições culturais de um povo. Se pensarmos na história das ciências, poderemos observar que, até chegar à sua forma atual, houve uma série de mudanças de paradigmas através das quais o exercício da ciência foi sendo "depurado" de práticas que, por serem exteriores à própria ciência, muitas vezes tolhiem a compreensão de determinados fenômenos naturais. Assim, por exemplo, a introdução do método experimental no começo da era moderna foi um dos propulsores de uma "revolução científica" que começava a colocar em xeque a compreensão da natureza com bases em uma causalidade de caráter divino. É justamente esse tipo de colaboração que, além de ser extra-científico, poderia ser visto

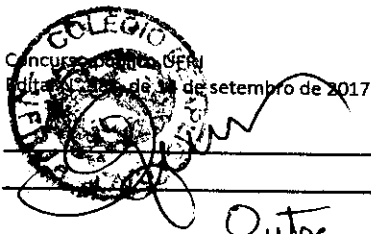
também como negativa, e que, segundo Popper, constitui uma "confusão" a ser retirada dos problemas respeitantes à objetividade científica. É fundamental, portanto, que a ciência possa existir enquanto campo autônomo de investigação, sem que suas regras sejam ditadas por campos a ela exteriores.

Todavia, a tese de Popper também possui implicações negativas. Será que realmente poderíamos falar em uma ciência "pura", desprovida de quaisquer aspectos extra-científicos? O próprio Popper reconhece uma dificuldade ao afirmar que não é possível manter o trabalho científico totalmente isolado de valores extra-científicos. Esse problema nos remete diretamente, por exemplo, a questões relacionadas à bioética. Sem nos atermos a nenhuma regra de conduta que forneçam preceitos à prática científica, será que seus resultados seriam validados socialmente, embora possam ferir outros valores e práticas desse mesmo grupo social, ou de minorias dentro desse mesmo grupo? Atualmente, parece haver uma demanda cada vez maior por um trabalho científico que leve em conta questões éticas atinentes aos valores dos grupos sociais onde estes mesmos trabalhos são desenvolvidos e implantados. Na medida em que buscam se adequar ~~em~~ a respeitar valores e crenças de certos grupos, poderíamos mesmo afirmar que tais preceitos, embora não sejam estritamente científicos, são positivos.

Logo, se não parece de todo possível isolar o exercício das ciências das demais práticas de uma sociedade, o que se deve buscar são meios que favoreçam a coexistência entre as diversas práticas, e que busquem, através de um diálogo contínuo, a compreensão do aporte positivo que cada uma delas (seja científica ou não) pode trazer para a manutenção do bem-estar daquele grupo.



3) Adorno critica um modelo "lógico ou científico" do conhecimento, o qual poderia ser compreendido como aquele que se desenvolveu na modernidade. Se pensarmos nesse modelo a partir de Descartes, vemos que este, em suas "Meditações", parte de uma separação radical entre sujeito e mundo, entre a res cogitans, que conhece, e a res extensa, à qual deve ser conhecida. Da mesma forma, em Kant, temos um sujeito que conhece o mundo a partir de formas puras e a priori, independentes da experiência. Esse mesmo sujeito kantiano pensa a experiência a partir de categorias que, sendo universalmente válidas, não são senão formas lógicas do pensamento de dizer em geral. A partir dessas categorias nós poderíamos, "por antecipação" (como afirma Adorno), conhecer a forma lógica de toda experiência possível. Opondo-se a esse modelo tradicional, vemos Adorno defender a necessidade de que a teoria do conhecimento investigue como "se conhece realmente". Com isto, ele certamente não está propondo uma teoria mais "realista" do conhecimento. Ao contrário, trata-se de conceber o conhecimento a partir de outros modelos que não os tradicionais. Contemporaneamente, uma passo nessa direção foi dado por Heidegger. Em *Sein e Tempo*, não o vemos desenvolver sua concepção de "ser-no-mundo", a qual pode ser vista como uma ruptura com o modelo da tradicional relação sujeito-objeto. Segundo o conceito heideggeriano, não há um sujeito apartado do mundo objetivo, ao qual ele deveria se voltar para conhecê-lo. Antes, o homem (*Dasein*, ser-aí) sempre se encontra inserido em um determinado contexto que lhe permite a compreensão dos demais entes que o rodeiam. Não se parte, portanto, de uma cisão entre sujeito e objeto, mas de uma proximidade entre ambos. O mundo no qual se está inserido é, na verdade, o conjunto de significados que conferem sentido e inteligibilidade aos "objetos" particulares.



Outra concepção do saber e do conhecimento que nos aproxima do que Adorno chama de "conhecer realmente" é a de Foucault, o qual procura trazer à tona os fundamentos sobre os quais foram construídas as ciências humanas, os quais possuem um caráter histórico. Assim compreendidas, as ciências são despojadas de seu caráter "puro", revelando-se como práticas ~~no~~ exercidas por agentes históricos, não mais por sujeitos abstratos. Uma contribuição importante de Foucault pode ser compreendida a partir do seu conceito de epistemes. Com tal conceito, ele quer designar os saberes implícitos e frequentemente ocultos, os quais, não obstante são fundamentais para que se legitime socialmente ~~uma~~ certa prática científica. Segundo ele, são estas práticas e saberes, amplamente difundidos e aceitos em uma sociedade, que contribuem para a mudança de paradigmas científicos, e ~~é~~ não propriamente, como se poderia talvez pensar, certos sujeitos isolados capazes de atuar como protagonistas da história. Concede-se, com isso, o saber humano em termos concretos, como construção histórica (como parece indicar Adorno, e não em termos genéricos e abstratos).